

De todos os elementos sonoros que a música popular brasileira produziu naqueles dourados anos da bossa nova, certamente o ritmo foi um dos mais marcantes até hoje. A síncopa da batida, primeiramente no violão de João Gilberto, em 1958, e mais tarde traduzida no trinômio aro-chimbal-bumbo da bateria, encantou platéias do mundo todo. Acabou até gerando um impasse: jazz ou bossa nova? Bossa-jazz? Jazz-samba? Não importa. Polêmico ou não, o novo jeito de tocar acabou se transformando em gênero musical da melhor qualidade, exportando talentosos músicos brasileiros para todas as partes do globo, especialmente para os Estados Unidos. E nessa seleta leva, estava um jovem baterista que divulgaria nossas influências africa-

nas na terra de Tio Sam ao lado de Tom Jobim, Walter Wanderley, Sérgio Mendes: Claudio Slon. De origem argentina, a família Slon sempre foi marcada pela música. O pai, Elia Slon, é violinista da Orquestra Sinfônica de São Paulo. E foi um dos responsáveis pelo início da carreira do filho Claudio. “Meu pai me ajudou a criar vergonha na cara e aprender a ler música. Entrei na Filarmônica de SP e adorei”, lembra o baterista que estudou percussão clássica com Vicente Gentil, na Orquestra Sinfônica de São Paulo. Mas, apesar de apreciar o gênero erudito, Claudio rendeu-se ao ritmo popular. Em 1961, aos 17 anos, Slon ganha o Prêmio Folha de Ouro de Jazz, promovido pelo jornal Folha de S. Paulo. “Pela primeira vez vi minha foto no jornal. Fiquei con-

tente”, lembra Slon. Naquela época, entre os premiados estavam nada menos do que Luis Chaves, Johnny Alf, Leni Andrade e um imberbe Sérgio Mendes. Teria sido uma grande chance para aparecer em um cenário dominado por cobras, se Slon já não tocasse com Dick Farney, com o qual ganhou o prêmio de melhor trio no mesmo evento. “Dick foi meu pai musical” diz o músico que, em entrevista exclusiva à Planet Music (veja box) afirmou que na época precisou de autorização do Juizado de Menores para tocar na noite. Depois de gravar um vinil com Dick e com o saxofonista Hector Costita, Slon iniciava ali aquela que seria mais tarde um dos seus grandes patrimônios até hoje: sua discografia.

Slon vai com a família para Nova Iorque de contrato pronto com a MGM/Verve Records a fim de gravar para o produtor Creed Taylor (Wes Montgomery, Getz-Gilberto, etc.). Lá, grava “Rain Forest”, primeiro LP de Walter Wanderley, e estoura: nada menos que 1 milhão de cópias vendidas, o que representou Platina nos Estados Unidos ou, para nós, Disco de Platina. A bela estréia marcava uma trajetória de sucesso e muito trabalho até hoje. Slon não parou mais. Como baterista participou das gravações de “Wave”, com Tom Jobim, “Sinatra & CO”, com Tom e Frank Sinatra, além de inúmeras outras participações com gente de peso (veja box). Como produtor musi-